



**ENTRE PAIXÃO, PULSÃO E CORPO:
REFLEXÕES EPISTEMOLÓGICAS PARA O DIÁLOGO SOBRE OS FENÔMENOS
AFETIVOS**

**BETWEEN PASSION, DRIVE AND BODY:
EPISTEMOLOGICAL REFLEXIONS FOR THE DIALOGUE UPON THE AFFECTIVE
PHENOMENA**

Waldir BEIVIDAS
USP – Universidade de São Paulo
Tiago RAVANELLO
UFMS – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

RESUMO: Rumo à construção de um diálogo de interface entre a teoria semiótica e a psicanálise de linhagem freudiana e lacaniana, o texto apresenta reflexões prévias, de natureza epistemológica, com vistas a ajustar o campo dos fenômenos afetivos, em que disputam lugar as paixões, fartamente investigadas pela semiótica, as pulsões, vigorosamente defendidas pela psicanálise, os afetos, recentemente reavaliados como centrais por ambas as teorias, e o corpo, disputado por elas como também pelas neurociências e neurobiologias que ocupam massivamente o cenário atual das investigações sobre essa condição humana. Ressaltando liminarmente a resistência que alguns fenômenos oferecem à sua semiotização, mormente o caso das pulsões e do corpo, tal como postulados pela psicanálise e pelas neurociências atuais, o texto envereda na discussão sobre a disputa do pensamento de Freud que se nota entre interpretações mais biologizantes e leituras mais clínicas, psicológicas e languageiras do médico vienense. O objetivo é legitimar a leitura languageira, mais especificamente, semiótica, passível de oferecer ao campo psicanalítico uma autonomia perante as neurociências e, em decorrência, aprumar uma melhor compatibilização entre as conceituações semióticas e psicanalíticas dos fenômenos afetivos.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica; Psicanálise; Paixão; Pulsão; Corpo; Afeto.

ABSTRACT: Towards construction of a interface dialogue between the semiotics theory and psychoanalysis of Freud and Lacan orientation, this paper presents preliminary ideas by epistemological nature, in order to adjust the field of affective phenomena, in which contend place the passions, abundantly investigated by semiotics, the drive, vigorously defended by psychoanalysis, affections, recently reassessed as central to both theories, and the body, held by them as well as the neurosciences and neurobiology that massively occupies the current situation of investigations about this human condition. Underscoring about the resistance offered by some phenomena to the semiotics processes, especially the case of drive and body, as postulated by psychoanalysis and the neurosciences today, the paper follows the discussion on the dispute of Freud's thinking between biologizing readings interpretations and others, more clinical, psychological and language studies from the Viennese doctor. The goal is to legitimize the reading language studies, more specifically, semiotics, which can offer the psychoanalytic field autonomy before the neurosciences and,

consequently, a better straighten reconciling the semiotic and psychoanalytic conceptualizations of affective phenomena.

KEYWORDS: Semiotics; Psychoanalysis; Passion; Drive; Body; Affect.

Liminares

*OBS. Em 1997, nosso querido professor e amigo Ignacio Assis Silva fazia-me, desta maneira, a dedicatória em seu livro *Figurativização e Metamorfose: o mito de Narciso (1995)*: “Ao Waldir, pela corajosa luta em fazer dialogarem *Semiótica e Psicanálise*”. Prosseguindo nessa luta, juntamente com meu ex-orientando de doutorado, Tiago Ravello, hoje doutor adjunto na UFMS, dedicamos inteiramente à sua memória o presente texto, devolvendo-lhe o tributo da coragem, que lhe cabe mais justa, desta feita pela luta anterior, mais tenaz, de implantar no Brasil, dentre os pioneiros, a densa e fascinante teoria semiótica que aciona na base nossa episteme de trabalho investigativo.*

Há objetos ou fenômenos que se deixam semiotizar senão com alguma facilidade maior, ao menos com alguma presteza suficiente. Alguns parecem oferecer menor resistência aos métodos de descrição da semiótica; outros atraem poucos protestos provenientes de outras áreas, ou por não terem longa tradição aí, ou por não contarem com conceptualização já fortemente arraigada em seus campos, por assim dizer, de origem. Infelizmente tal não é o caso quando temos de investigar semioticamente a região do que a psicanálise nomeia como das **pulsões**, de modo obstinado e desde seu nascimento, como disciplina autônoma em Freud. Sem precisar descer às minúcias, desde o primeiro Greimas do *Semântica estrutural* (1966) até os últimos textos dos semioticistas mais experientes, a pulsão sempre se apresentou como embaraço na composição da semiótica (narrativa e modal) das paixões e de sua sucedânea atual, a semiótica (tensiva) do afeto. E os argumentos sobre sua “não pertinência”, sempre com rapidez no diagnóstico e brevidade nos motivos, acabam parecendo no fim das contas mais uma espécie de confissão de impotência, e demarcação de territórios, do que propriamente alguma dedução suficientemente demonstrada. O que nos leva, portanto, a insistir no tema.

É nosso entender que uma semiotização da pulsão não apenas é possível, mas também necessária. Ela traria, ao campo semiótico, algumas sutilezas sobre a construção dos efeitos de sentido dos discursos ainda mal estimadas no campo. Para ir breve e direto ao coração de uma hipótese possível sobre essas sutilezas, diríamos que, no rol daquilo que concedemos em consenso como sendo o âmbito das **funções da linguagem**, desde Jakobson – funções que praticamente compõem e delimitam grosso modo toda a fenomenologia de interação envolvida nos discursos –, falta, nesse rol, uma **função de gozo** da linguagem, dos

discursos. Esse nos parece o centro de gravidade da novidade freudiana, acentuada por Lacan, cujo não reconhecimento pelas linguísticas e pela semiótica se torna um pomo de discórdia e a dificuldade maior de um diálogo de interface.

Ora, semiotizar a pulsão e, por extensão, seus implicativos diretos, o gozo, o recalque (e outros) como estruturas inerentes ao discurso, à enunciação, não é tarefa simples e rápida. Para além da grande distância que a semiótica, desde Greimas, manteve e mantém por relação à psicanálise, a tarefa atrai para si a discussão (difícil) do **corpo**, visto que, postulada da maneira pela qual Freud a dispôs, a pulsão seria o trabalho *a quo* de somação psíquica da energia do corpo, no que ela se refere ao gozo, ao prazer do corpo. Na nossa leitura de esboço semiotizante, diríamos, em nosso linguajar, que a pulsão seria a **somação semiótica** principal, como gozo, da tensividade euforizada do corpo. De todos os modos, a pulsão praticamente se cola ao corpo, como energia a montante. Acrescente-se a isso o fato de que Freud define essa energia como cota ou quantum de **afeto**. Some-se a isso ainda o fato de que o corpo vem, nos nossos dias, sendo disputado mais fortemente também pelas neurociências, no intento de atrair a psicanálise a ponto de propor fundar uma “neuropsicanálise” (OUSS, 2009). Eis então um cenário pouco confortável de se trabalhar: pulsão, afeto e corpo, como objetos disputados por psicanálise, semiótica e neurociências.

Diante desse quadro, parece-nos não prudente acantonarmo-nos velozmente em barricadas imediatas e puramente semióticas, erigidas com a arma e argumento da “não pertinência” dessas outras reivindicações do corpo (psicanálise e neurociências) e explorarmos a interface até o limite das possíveis implicações de seus argumentos, para então, e somente depois, podermos demonstrar a efetiva não pertinência delas ou a superioridade metodológica do nosso “ponto de vista”. Visitar, portanto, alguns dos argumentos dessas outras reivindicações parece-nos salutar caminho para começar a demonstrar a viabilidade de uma pulsão semiotizada. De modo que, para construirmos uma espécie de dossiê de andamento paulatino da pesquisa de interface, optamos por apresentar, no presente artigo, uma discussão de cunho epistemológico sobre as reivindicações das interpretações neurocientíficas da psicanálise de Freud, referentes aos conceitos aqui tematizados, com vistas a pleitear e legitimar o estatuto linguageiro desses conceitos e, assim, poder fazer progredir o ajuste de interface da semiótica com a psicanálise.

1. Introdução

Pouco a pouco, no que concerne às ditas ciências humanas, a compartimentalização estanque dos saberes vem dando lugar à defesa de diálogos entre teorias diversas. A fundamentação de projetos inter, multi ou transdisciplinares, em suma, recorre ao estatuto de complexidade dos fenômenos abordados. Tanto para defensores da continuidade, bem representada por Popper (1982), quanto da ruptura epistemológica, defendida por autores como Bachelard (1996) e Kuhn et al (1979), a composição crítica de visadas em conjunto sobre dados similares é tida como crucial para o avanço de pesquisas de ponta. Seja pela ordem dos citados, no processo de refutação da argumentação dada sob determinada lógica, seja na superação de obstáculos epistemológicos concernentes a determinados campos de estudo, ou, ainda, na formulação das questões que poderiam guiar teorias na direção de revoluções científicas, o diálogo entre disciplinas tem papel de destaque assegurado em função de múltiplas possibilidades de abordagem inerentes à complexidade de

seus objetos. Se o argumento é válido para ciências da natureza e tecnológicas, o que dizer então daquelas que se dedicam ao exame do homem e da linguagem?¹

No que tange à psicanálise, bem antes da defesa do paradigma da complexidade, por René Thom (1978), o ponto de vista de complementaridade disciplinar já havia sido advogado por Freud em textos como os da *Questão da Análise Leiga* (1926) e *O Interesse Científico da Psicanálise* (1913). É na abertura deste último que Freud dirá que:

Se, não obstante, considero a experiência legítima, é porque a psicanálise pode também pretender o interesse de outras pessoas além dos psiquiatras, desde que ela toca em várias outras esferas do conhecimento e revela inesperadas relações entre estas e a patologia da vida mental. (1913/1996, p. 169).

Para tanto, Freud colocará em questão as possibilidades de contribuição mútua entre psicanálise e teorias sociológicas, filosóficas, filológicas, estéticas, dentre outras. Igualmente, no que nos toca mais de perto, a semiótica também se insere no jogo da complexidade ao estratificar diferentes dimensões da linguagem a partir dos discursos (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001). Logo o trabalho continuado ao qual temos nos dedicado (BEIVIDAS; RAVANELLO, 2006a, 2006b, 2009, 2010) é justamente senão lapidar ao menos selecionar as ferramentas que permitiriam uma comunicação mais implicada entre semiótica e psicanálise.

O ponto de encontro escolhido para este artigo não poderia ser outro senão aquele de fenômenos descritos pela semiótica como relativo às **paixões** e, por outro lado, trabalhados pela teoria psicanalítica como sendo da ordem do **afeto** e das **pulsões**. Não pretendemos com isso que um estudo subsuma o outro, ou que, dito diferentemente, um campo de fenômenos seja desvelado como região interna do seguinte, mas apenas reafirmar a necessidade de coparticipação na pesquisa de um estrato tão complexo do humano. Apresentaremos, no prosseguimento do texto, os impasses que têm se apresentado a tal diálogo bem como nossas intenções e conclusões sobre o tema.

2. Dos Impasses

Para iniciarmos, retomaremos aqui uma das hipóteses que tem norteado nossa pesquisa, a saber, a proveniente do trabalho de Imbasciati (1998), segundo a qual haveria afastamento entre explicações teóricas e descrições provenientes da prática clínica no que diz respeito aos fenômenos de cunho afetivo na obra freudiana. Semelhantemente, Pribam chega à mesma conclusão da seguinte forma:

Como se verá, estamos de acordo com os que distinguem dois corpos de formulação cognitiva em psicanálise: a teoria clínica e a metapsicologia. A teoria clínica, melhor denominada “psicologia” (embora Freud usasse originalmente o termo psicologia para tudo o que hoje se designa por metapsicologia), abrange aquelas formulações derivadas de observações na situação analítica e enunciadas na linguagem intencional das motivações e

¹ Para reforçar nosso argumento de diálogo, lembremos a aposta de Hjelmslev segundo a qual “uma descrição exaustiva do sentido linguístico deve ser realizada, graças a uma colaboração de todas as ciências não linguísticas; de nosso ponto de vista, elas tratam todas, sem exceção, de um conteúdo linguístico.” (HJELMSLEV, 2003, p. 81).

significações; ao passo que a metapsicologia descreve os *mecanismos* desse funcionamento mental. (PRIBAM; GILL, s/d, p. 4, itálico no original).

Tal estado de coisas, que implica em uma espécie de disjunção no seio da teoria freudiana, leva-nos a considerar de extrema pertinência o exame de suas possíveis origens e consequências epistemológicas. Já destacamos em outro trabalho (BEIVIDAS; RAVANELLO, 2006b) um conjunto de imperativos de ordem epistemológica que orientariam a constituição da teoria freudiana neste sentido. Naquele momento, foi-nos possível tratar, com especial destaque, os imperativos de **explicação, redução e quantificação**. Havíamos observado que tais imperativos se opunham às proposições mais pertinentes à clínica em relação ao que tange aos fenômenos inerentes à linguagem. Enquanto uma parte considerável do conjunto de microteorias de Freud a respeito dos estados afetivos tende a reduzir fenômenos a bases quantitativas, como forma de explicação, a abordagem clínica não permite tal método, assim como também não o permite o *modus operandi* da semiótica por relação à extração do sentido nas práticas significantes diversas. A linguagem acaba sempre por desempenhar o papel de divisora de águas entre dois procedimentos diferentes. De um lado, a pressuposição de quantidades regendo os processos psíquicos, de outro, a consideração de experiências languageiras submetidas à intersubjetividade da comunicação. Entretanto, como é possível observar nas teses gerais que regem os *Estudos sobre Histeria* (1893/1996) – dentre elas, a principal, a de que os históricos sofrem eminentemente de reminiscências – a divisão não é estanque e, por diversas vezes, Freud busca reduzir também fenômenos clínicos, situados no campo da linguagem, a bases quantitativas. Precisamente sobre esse ponto, Green aponta que:

Aqui estamos tolhidos na continuação deste desenvolvimento na medida em que a concepção de Freud sobre o pensamento continua sendo de uma audácia e de uma modernidade espantosas, enquanto que sua concepção de linguagem, apesar de alguns aspectos fascinantes, revela bem sua época, anterior aos progressos da linguística. Este atraso é sensível em Freud mais do que em qualquer outro domínio, quer se trate da pulsão, da representação, do investimento sobre os quais nenhuma novidade marcante nos obriga a uma recolocação em questão de tal amplitude. (1982, p. 286).

A partir do momento em que é reconhecido o déficit entre a concepção utilizada por Freud e os avanços no estudo da linguagem por parte da linguística e da semiótica, o que impediria que tais teorias travassem relações de auxílio mútuo? No caso do campo de fenômenos referentes a afetos e pulsões, que ora pesquisamos, devem ser ressaltados os impasses epistemológicos impostos a tal interdisciplinaridade. Calcadas em metodologias de forte ênfase estrutural e descritiva, as teorias da linguagem não se adaptam a pressuposições reducionistas e quantitativas dos estados passionais.

Além disso, como buscamos apresentar nos artigos anteriormente citados, a hipótese energética é erigida justamente em detrimento das relações semânticas. Explicações fundamentadas em quantidades de energia **se opõem** ao estudo das inter-relações entre os sentidos das experiências. Poderíamos, para tanto, apontar diversas vezes o modo como definições de afeto, enquanto quantidade e processos de descarga, acabam tendo por consequência a redução do semantismo de sentimentos e vivências intersubjetivas a fluxos e refluxos de excitações, quer sejam materializadas em processos corporais, quer sejam hipotetizadas em percursos psíquicos.

Se a economia freudiana do afeto apresenta dificuldades para dialogar com os avanços da linguística e, principalmente, da semiótica tensiva e modal, que progride a passos largos no estudo do campo das paixões e do afeto, quem poderia ser outro interlocutor? Ao que pudemos concluir, já que este costuma ser o ponto crucial para a defesa de continuidades epistemológicas, constantemente visando pressupostos de pesquisas feitas por Freud ainda no campo biológico, restariam apenas as neurociências e, em especial, a neurofisiologia. Tanto o ponto de vista econômico da metapsicologia quanto as investigações neurocientíficas partem da premissa de redução quantitativa para fins de explicação. Entretanto a relação entre tais teorias é, geralmente, deveras conflituosa. Segundo Green:

Críticas ao cognitivismo e às neurociências não faltam. Não falarei daquelas resultantes de correntes tradicionais da filosofia do lado de Heidegger, mas daquelas que parecem próximas de sua inspiração. John Searle (1985) numa obra rigorosa acumulou argumentos até aqui não refutados. G. Edelman (1992), sem dúvida o mais virulento, vai até mesmo falar de trapaça intelectual², tanto que ele considera que a ignorância da natureza verificável da estrutura e do funcionamento cerebral invalida as concepções de nossos modernos iconoclastas. Devemos, no entanto, lembrar que Edelman foi, no princípio, imunologista, o que não é negligenciável porque a experiência prova que os psicanalistas encontram mais facilmente seus interlocutores do lado da biologia geral (Atlan, Varela) que do lado dos neurobiólogos (1996a, pp. 22-23).

Na medida em que, nas últimas décadas, temos assistido ao desenvolvimento das neurociências, enquanto nova forma de abordagem do homem, sua relação com a teoria psicanalítica não se vem dando de forma pacífica. Como era de se esperar, ao passo em que este novo campo de saber se articula e busca demarcar seu território, inevitavelmente partem críticas vorazes, surgem questionamentos instigantes em relação aos fundamentos dos campos de conhecimento que lhe oferecem fronteira. No caso, a psicanálise vem sendo escolhida como interlocutor privilegiado pelos neurocientistas. Mas convém perguntarmo-nos: em que linha esse diálogo vem sendo encaminhado? Não raramente, psicanalistas são instados a defender uma posição não só de defesa de um dos polos da dicotomia mente/corpo como também da não redução do conjunto dos processos psíquicos ao regimento neurofisiológico. No atual estado de coisas, a psicanálise poderia, por diversas vezes, ser vista como a principal representante dos conhecimentos que resistem a operar uma total redução da mente ao corpo, como bem aponta Jacques Hochmann: “Desta feita, os psicanalistas se tornaram comumente frívolos, defensivos e chegando a tomar posições conservatórias senão conservadoras que podem lhes fazer parecer como os advogados de um mentalismo ‘retro’.” (1996, p. 52).

Como era de se esperar em um debate, as críticas não se dirigem numa única direção. Da parte dos representantes da psicanálise, o principal ataque às chamadas neurociências é desferido contra o intuito acima citado que pode ser entendido como reducionismo biológico. “Cognitivistas e neurocientistas tem bastante em comum entre eles. Eles esperam que seus trabalhos permitam ir da molécula até o homem” (GREEN, 1996b, p. 69). O reducionismo biológico faz uso de uma saída consideravelmente simples para o dualismo corpo/mente já que aborda o homem como mais um elemento de uma realidade natural e objetiva.

² *Escroquerie intellectuelle*, no original.

A ligação entre cérebro e realidade psíquica lhes permitiria, em último caso, defender o estudo de fenômenos complexos – tais como os comportamentos humanos – a partir de suas relações com seus aportes físicos. Nesta atitude, os neurocientistas têm por bandeira ressaltar a vantagem de recobrir o objeto de estudo com uma linguagem objetivante e capaz de reconciliar o homem com a natureza³. O reconhecimento deste encaminhamento segundo adeptos da teoria psicanalítica não poderia ser diferente daquele de denunciar a desautorização da pertinência da linguagem e imposição de uma continuidade forçada entre corpo e psiquismo. Nesse sentido, Hochmann questiona:

Seria possível, em outros termos, construir uma psicologia sem pressupor uma realidade diferente da realidade biológica e não redutível a ela, mesmo se, em definitivo, é ela que lhe condiciona a existência e o funcionamento? [...] Coloco simplesmente que é impossível atualmente constituir uma abordagem objetiva dos estados mentais na perspectiva defendida pelos neurofisiologistas, de uma “continuidade entre o estado neurológico e o estado mental” (HOCHMANN; JEANNEROD, 1991, p. 52).

Nossa hipótese é a de que tanto os impasses no debate com as neurociências quanto à obscuridade em relação ao vínculo psicanálise/biologia são tributários da forma hesitante como Freud situava sua teoria quanto às duas grandes categorias epistemológicas de sua época: as Ciências da Natureza (*Naturwissenschaften*) e as Ciências do Espírito (*Geisteswissenschaften*). Assim, não poderíamos dizer que, de certo modo, a configuração epistemológica de conexão material entre corpo e mente enquanto fruto de um entrelaçamento quantitativo também está presente no cerne do ponto de vista econômico da metapsicologia freudiana? Mais do que uma necessidade de reconhecimento de cientificidade, a proximidade da concepção freudiana que circunda o conceito de afeto com a abordagem neurocientífica não nos parece ser apenas uma mera questão de política institucional e/ou territorial.

Embora não haja correspondência ponto a ponto entre conceitos neurofisiológicos e os provenientes da doutrina do afeto, as semelhanças na configuração epistemológica, aparentemente, persistem. Desse modo, a reivindicação freudiana, própria à doutrina em questão, de que a psicanálise deveria constar no quadro das ciências naturais, poderia ser entendida como aposta na consolidação de um modelo epistemológico que, a partir de aportes quantitativos, pudesse formular um quadro explicativo reducionista que prescindisse do contexto subjetivo da linguagem. Tal atitude epistemológica pode ser vista no modo como Assoun coloca o problema:

Assim, o determinante químico é subjacente ao determinante psíquico. E Freud colocava seriamente todo o saber psicológico sob o rótulo do provisório, aguardando que o saber químico tome seu lugar, fornecendo-lhe seu substrato. Uma química integral seria, pois, o futuro da psicanálise (1983, p.65).

É a partir dessa aposta epistemológica própria à concepção psicanalítica de afeto que autores como Pribam, Sulloway e Jeannerod voltar-se-ão contra os postulados

³ Huber confronta tal tendência neurocientífica com a teoria psicanalítica do seguinte modo: “Cem anos mais tarde, a vivacidade do questionamento epistemológico e ético de Freud é mais forte do que nunca, já que as neurociências pretendem uma nova positividade científica que quer fechar uma nova aliança entre as ciências do homem e da sociedade e as ciências do cérebro.” (1994, p. 78).

tipicamente linguageiros da psicanálise – tal como o da psicogênese dos fenômenos histéricos – e defenderão a continuidade entre a quantificação presente nos conceitos de afeto e pulção e as premissas neurofisiológicas. Dentre esses autores, Pribam irá mais longe ao propor a revisão do arcabouço metapsicológico à luz de teorias neurocientíficas: “A nossa presente finalidade é mostrar que a metapsicologia psicanalítica deve ser considerada, em todas as suas facetas, uma teoria biológica do controle cognitivo, baseada numa neuropsicologia explícita.” (PRIBAM; GILL, s/d, p. 7). Em consequência disso, criticará veementemente abordagens que visam situar a energética freudiana numa ordem hipotética (p. 28).

Frente ao avanço neurocientífico, em sua pretensão de subsumir as hipóteses freudianas, não somente defensores da teoria psicanalítica, mas também epistemólogos não raramente buscarão refrear este processo lançando críticas, a nosso ver, de extrema pertinência. É caso, por exemplo, de Stengers:

Vemos muitos físicos passar dum domínio do conhecimento que conhecem bem para extrapolações quanto ao real no seu conjunto. Por exemplo, quando neurofisiologistas passam dos neurônios à questão de saber o que é a subjetividade humana, ou à apreciação da psicanálise a partir do que sabem dos neurônios, a isso chamo eu irracionalidade. Em compensação, não podemos chamar-lhe irracionalismo, porque se creem investidos do prestígio da ciência. (1987, pp. 66-67).⁴

De maneira similar, Gauchet (1992), renomado neurofisiologista, voltar-se-á contra o projeto de Sulloway em especificar possíveis bases biológicas do conhecimento psicanalítico a fim de defini-lo como **criptobiologia** ou, de forma mais jocosa, na expressão do último citado, uma “psicobiologia enrustida” (SULLOWAY, 1998, p. 01). Conforme Gauchet desenvolve seu argumento, que Freud tenha passado pelos laboratórios de neurofísica de Brücke e, por um período razoável, ter sido adepto dos ensinamentos de Mach, nada quer dizer a respeito da natureza da psicanálise bem como não nos autoriza a declarar que tenha criado bem menos do que realmente fez. Logo podemos concluir que o intuito de determinados neurocientistas em abarcar a teoria psicanalítica não é unísono nem mesmo dentro de seu campo de abordagem. O que poderia ser festejado como um reencontro entre teorias irmãs se torna um projeto altamente temerário e criticável. Nesse contexto, Brusset apontará a dissonância entre psicanálise e neurociências, já indicando a direção que acreditamos ser a melhor via possível frente a estes impasses epistemológicos:

Mas lá onde Freud esperava um reforço, as ciências cognitivas e as neurociências portam modelos dificilmente compatíveis: nós podemos ver o melhor meio de fundamentar a especificidade metapsicológica da psiquê, ou procurar seus argumentos do lado da linguagem, ou mais recentemente do lado da “linguagem da ação” [...]. (1996, p. 39, itálicos no original).

Entretanto, como destacamos desde o princípio deste artigo, o diálogo entre psicanálise e teorias da linguagem dificilmente seria compatível com uma interlocução com as neurociências. Isto porque, no que diz respeito à abordagem dos fenômenos subjetivos, sejam eles denominados afetivos, emocionais ou passionais, a consideração de determinantes energético-quantitativos é radicalmente oposta à defesa de seu estatuto linguageiro. Nesse sentido, autores como Beividas (2001, 2002), Birman (1993), Green (1982, 1996b) e

⁴ Ver também sua crítica (2002), em especial, ao projeto de Changeux (1991). Roudinesco subscreverá a mesma crítica (2000).

Widlöcher (1986) advoga em prol da vertente expressa em determinados textos de Freud que preconizam uma concepção do psiquismo fundada na linguagem. Widlöcher acentuará sua análise na questão da base energética do conceito de pulsão. Dirá, a respeito, que a teoria das pulsões é “uma mitologia que repousa sobre metáforas fisicalistas e biológicas [...]”. Infelizmente, não se trata de uma simples metáfora, mas de um modelo que se quer explicativo” (1986, p. 54). A alternativa que o autor em questão propõe para que a psicanálise possa desvincular-se tanto do modelo explicativo-reducionista das ciências da natureza quanto de fundamentos hipotéticos e irrefutáveis seria, justamente o que ora defendemos, a abordagem propriamente linguageira, privilegiando seus aspectos semânticos através da noção de sentido. Segundo Widlöcher:

Como então prover uma descrição que daria conta do ponto de vista econômico sem o “reificar” de maneira metafórica? Nos liberando do postulado dualista que opõe a força ao sentido, nós teremos o meio de responder a este desafio. Porque a força pertence ao sentido, é trabalhando sobre o sentido que nós encontraremos uma teoria do econômico. (1986, p. 61).

Semelhantemente, Green ressaltará as possibilidades de confluência entre a semiótica greimasiana e uma possível reconfiguração da concepção de afeto no interior da teoria psicanalítica:

Como alguns linguistas (Greimas) ligam o sentido à transformação e os analistas ligam a transformação ao trabalho psíquico, uma teoria comum poderia unificar esses diversos aspectos. De resto, o afeto *representa e significa a seu modo* o fundo pulsional. Na primeira representação psíquica da pulsão, o afeto predomina. Emergindo do fundo semântico, esta primeira representação psíquica da pulsão é uma “operação produtora de sentido”. Antes mesmo da individualização do afeto, num estado em que existe apenas em germe, ele realiza um trabalho, é o produto de um trabalho. Vê-se até que ponto nossas ideias estão próximas. C. David acentua sobretudo a impossibilidade de eliminar a dimensão qualitativa do afeto e a insuficiência da tese freudiana que quer reduzir o afeto à pura quantidade, ou que só define a qualidade por critérios bem pobres. (1982, p. 302-303, *itálicos no original*).

Com o objetivo de, pegando de empréstimo a assertiva de Birman (1993, p. 87), “retomar a paixão no plano do discurso”, consideramos crucial que a doutrina do afeto, em sua vinculação com o modelo e os imperativos epistemológicos das ciências da natureza, seja gradualmente suplantada por estudos que reafirmem o estatuto de linguagem dos afetos. É neste sentido que Schneider nos indica uma via de abordagem que atrela discurso e fenômenos afetivos desde os eventos clínicos:

Seria conjunção do discurso e do afeto somente um misto mais ou menos bastardo de eficácia terapêutica, ou a descoberta de um poder fundamental da fala? Ao opor tão sumariamente, nas controvérsias atuais, uma análise fundada sobre o discurso e agindo pelos efeitos de significantes, e uma análise fundada sobre a dinâmica pulsional e os afetos que a subtendem, esquece-se por vezes de voltar à questão do que é a linguagem. (1993, p. 30).

Assim, o desdobramento deste estudo certamente exige, num projeto mais longo e de maior fôlego, pesquisa mais densa e sistemática das relações entre discurso e o campo subjetivo, de onde possamos conjecturar afetos, emoções e/ou paixões. Para tanto, há que se estabelecerem pontos de contato entre teorias psicanalíticas e semióticas tensivas e modais. Ao final, esperamos que tal empreitada possa auxiliar, de alguma forma, à retomada dos estados afetivos na **ordem discursiva**, sem que tenhamos que nos manter tributários de antigos imperativos e impasses epistemológicos.

3. Das Intenções

Na mesma medida em que se faz necessária a defesa do estatuto de linguagem dos afetos e das pulsões, igualmente temos que especificar tal forma de constituição. Nesse sentido, consideramos a proposta de Zilberberg e Fontanille (2001) e os trabalhos mais recentes de Zilberberg (2006), no avanço de uma semiótica tensiva, como diretamente pertinentes para os rumos das pesquisas nessa interface entre semiótica e psicanálise. Assim, por exemplo, capítulos referentes aos conceitos de valência, emoção e paixão da obra *Tensão e Significação* (2001), bem como toda a reflexão dos *Elements de grammairie tensive* (2006) voltada ao estatuto tensivo do afeto, como grandeza central do discurso, são dados preciosos para um primeiro cotejo. Inicialmente, a proposta torna-se interessante pela justificativa de que os traços perceptivos não devem ser analisados enquanto conglomerado de conteúdos distintivos e inteligíveis, segundo os quais os objetos seriam reconstituídos, mas sim enquanto valências de intensidade e extensidade. Abre-se, portanto, a possibilidade de abordagem dos fenômenos passionais e afetivos em sua inerente participação na formação e veiculação dos fatos de linguagem. Logo aos complexos modais devem ser acrescidos os complexos fóricos sem que, com isso, tenhamos que opor uma semiótica modal a uma semiótica tensiva, mas sim que a formulação de uma semiótica do contínuo deve passar irremediavelmente por uma região semiótica dos estados afetivos.

O conceito de **valência**, amplamente definido no livro dos autores logo acima referidos, e o de **forema**, minuciosamente disposto no livro de Zilberberg (2006), são de especial importância na discussão que buscamos empreender, na medida em que permitem substituir referências epistemológicas antigas que imprimiam, através de imperativos, a necessidade de construtos de cunho energético e/ou quantitativos. A noção de valência, compreendida enquanto atração exercida pelos objetos em função do jogo de gradientes tímicos inseridos – e também constituintes – no universo de linguagem, assim como o conceito de forema, responsável pelas orientações e vetores desses gradientes, possibilitam-nos e tornam legítimo prescindir da ancoragem em cifras biológicas, sustentadas pelos projetos neurocientíficos e por determinadas vertentes da teoria psicanalítica. E isso vai ao encontro do modo como podemos observar Zilberberg e Fontanille examinar a questão do ponto de vista econômico da metapsicologia freudiana:

A profundidade da fixação ao objeto tem como termos extremos o *apego* e o *desapego*; recorremos de propósito ao termo freudiano por ser difícil contestar que o ponto de vista econômico em psicanálise tenha algo a ver com a valência, na medida em que esta modula “energias” semânticas e perceptivas (2001, p. 34).

Ora, certamente não é de modo desproposital que o conceito de energia venha entre aspas. Acreditamos, ao contrário, que o destaque é dado justamente para marcar sua

forma metafórica de apreensão. Não é preciso retornar à quantificação em termos de cifras corporais ou remeter a questão a uma energética de fundo biológico uma vez que seu estatuto é definido no interior dos fenômenos de linguagem. O que nos cabe, entretanto, é o intuito de pesquisarmos a fundo a relação entre o ponto de vista freudiano de economia psíquica e a concepção de tensividade que começa a ter seus contornos definidos com a noção de valência e de forema. A intenção – ainda em elaboração – passa a ser a de propor fundamentos para a composição de uma “economia tensiva” capaz de fazer frente aos pressupostos de base energética e seu diálogo com as neurociências.

Contudo o problema não se encerra com a noção de valência e de forema, sendo imprescindível que a esses conceitos compatibilizemos os de pulsão, afeto, emoção e paixão no delineamento do diálogo. Assim, Fontanille e Zilberberg (2001) – embora não tratem especificamente do conceito de pulsão – definirão o conceito de paixão sob dois aspectos: o primeiro, através de definição paradigmática ampla, marca um campo de fenômenos em função de um estrato linguístico, os complexos fóricos, sob a rubrica de paixão (idem, ibidem, p. 302); o segundo, por definição paradigmática restrita, recorta no “conjunto das manifestações afetivas” um lugar ocupado pela paixão enquanto estado, uma das faces possíveis do afeto.

Se, por um lado, estamos aptos a denominar como paixões o contínuo dos fenômenos tímicos, por outro, devemos restringir o termo paixão a um estado entre a **inclinação** e o **sentimento** (idem, ibidem, p. 284). Para aumentar a complexidade do quadro, a figura teórica do afeto está igualmente disposta no primeiro sentido, sendo o exame da continuidade tensiva definida como marcação de estados afetivos (idem, ibidem, p. 281). Assim, optamos pela concepção de afeto enquanto delimitação do agrupamento dos fenômenos tímicos dentre os quais se insere a paixão – tomada então em seu sentido de enamoramento. Essa distinção faz-se importante não somente para fins de organização teórica, mas também para ressaltar o sentido freudiano do termo de categoria geral da gama de fenômenos referentes a intensidades que se dão entre o sensível e o inteligível (idem, ibidem, p. 298).

Sendo a emoção uma das faces do afeto (idem, ibidem), definida por sua elevada valência e subaneidade em oposição a sua pouca duratividade e baixo nível tensivo nas sobremodalizações das esferas do querer e do poder, faltaria para a composição de nosso quadro a inserção do conceito de pulsão. Para tanto, seria necessário que, aos estilos afetivos (idem, ibidem, p. 291-292), pudéssemos sobrepor os estilos discursivos próprios aos diferentes quadros psicopatológicos bem como os fenômenos próprios ao jogo pulsional, tais como os de deslocamento, condensação e repetição, entre outros conceitos lançados pelo criador da psicanálise, o que somente poderia ser dado com o prosseguimento de pesquisas à parte, que daí se desdobram. Não obstante a isso, podemos desde já ressaltar que tais estudos implicam na formação de modelos cada vez mais complexos – e conseqüentemente mais operativos – de recortes da continuidade tensiva do afeto nas várias dimensões da linguagem por ele engendrados.

3. Conclusão

Temos por fim de reconhecer que as questões acima levantadas mal abrem o registro de uma pesquisa de vasta extensão, que solicita competencialização em dois universos de discurso, até hoje ainda tidos em mútuo desconhecimento (a semiótica e a psicanálise). Se esse gênero de incursão puder receber as devidas críticas e engajamentos, a

pesquisa só tenderá a ganhar em avanço. Reconhecimento das dificuldades do objeto e otimismo no horizonte do olhar são duas virtudes inseparáveis aqui.

Referências bibliográficas

- ASSOUN, P.-L. *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983, p. 247.
- BACHELARD, G. *A Formação do Espírito Científico*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1996, p. 316.
- BEIVIDAS, W. *Inconsciente et Verbum: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p. 394.
- _____. *Psicanálise, linguística e semiótica: do sentido ao corpo*. *Psicanalítica – A Revista da SPRJ*, Vol. III, n. 1, Rio de Janeiro: SPRJ, 2002, p. 24-47.
- _____.; RAVANELLO, T. *Identidade e Identificação: entre semiótica e psicanálise*. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, v. 50, 2006a, p. 129-144.
- _____.; _____. *Para uma abordagem alternativa da linguagem (e do real) em psicanálise*. In: BASTOS, A. (Org.). *Psicanalisar hoje*. 1 ed. Rio de Janeiro: Contracapa, v. 1, 2006b, p. 79-105.
- _____.; _____. *Linguagem como alternativa ao aspecto quantitativo em psicanálise*. *Psicologia e Sociedade*, v. 21, 2009, p. 82-88.
- _____.; _____. *Considerações sobre a imanência da linguagem no inconsciente*. In: SIMANKE, R. T. et al. (Org.). *Filosofia da Psicanálise: autores, diálogos, problemas*. São Carlos: Ufscar, v. 1, 2010, p. 97-110.
- BIRMAN, J. *Ensaio de Teoria Psicanalítica, 1. Parte: metapsicologia, pulsão, linguagem, inconsciente e sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 166.
- BRUSSET, B. *Les sciences de l'esprit et la psyché*. In: COUVREUR, C. et al. *Psychanalyse, Neurosciences, Cognitivismes*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996, p. 29-42
- CHANGEUX, J-P. *O homem neuronal*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1991, p. 309.
- EDELMAN, G. *Biologie de la Conscience*. Paris: Odile Jacob, 1992, p. 424.
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, Cl. *Tensão e Significação*. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p. 331.
- FREUD, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- _____. *Estudos sobre Histeria (1893/1996)*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. II.
- _____. *O Interesse Científico da Psicanálise (1913/1996)*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XIII.
- _____. *A Questão da Análise Leiga (1926/1996)*. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, vol. XX.
- GAUCHET, M. *L'Inconscient Cérébral*. Paris: Editions du Seuil, 1992, p. 219.
- GREIMAS, A. J. *Sémantique structurale. Recherche de méthode*. Paris: Seuil, 1966, p. 262.
- GREEN, A. *O Discurso Vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1982, p. 320.
- _____. *Cognitivisme, neurosciences, psychanalyse : un dialogue difficile*. In : COUVREUR, C. et al. *Psychanalyse, Neurosciences, Cognitivismes*. Paris: PUF, 1996a, p. 61-70.
- _____. *Philosophie de l'esprit et psychanalyse*. In : COUVREUR, C. et al. *Psychanalyse, Neurosciences, Cognitivismes*. Paris: PUF, 1996b, p. 13-25.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 147.
- HOCHMANN, J. *Arguments pour un dualisme méthodologique*. In: COUVREUR, C. et al. *Psychanalyse, Neurosciences, Cognitivismes*. Paris: PUF, 1996, p. 51-60.

_____; JEANNEROD, M. *Esprit, où Est-Tu ?* Paris: Editions Odile Jacob, 1991, p. 280.
HUBER, G. *L'illusion métabiologique*. Paris: PUF, 1994, p. 213.
IMBASCIATI, A. *Afeto e Representação*. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 223.